



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADE
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

NAYALA DAMAS DE PAULO

**EXPERIÊNCIAS E ATRAVESSAMENTOS: O PIBID COMO UM
DISPOSITIVO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES**

São Gonçalo

2016

Nayala Damas de Paulo

**Experiências e Atravessamentos: o PIBID como um dispositivo na formação
inicial de professores**

Monografia apresentada como requisito parcial do Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro para obtenção da licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ªDr^ªRosimeri de Oliveira Dias

São Gonçalo

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

P324 Paulo, Nayala Damas de.
Experiências e atravessamentos: PIBID como um dispositivo na formação inicial de professores/Nayala Damas de Paulo - 2015.
45f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosimeri de Oliveira Dias
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1 Professores-Formação 2.Experiência 3.Educação de base. I. Dias, Rosemeri de Oliveira. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CDU 371.13

Dedico este trabalho a Deus, por estar sempre presente em minha vida, por me guiar e proteger. Aos meus pais por todo o carinho e dedicação em minha formação. Ao meu companheiro pelo apoio e palavras de incentivo.

Agradeço primeiramente à Deus pelo amor incondicional, pelas forças pedidas e concedidas.

À minha família que compreendeu as inúmeras ausências de corpo e de espírito, pois em alguns momentos o corpo estava presente e a mente longe.

Às minhas queridas amigas Danielle Aguiar, Madeleine, Polyana, Adriana e Ellen que me brindavam com sorrisos e bons dias animadores, que confortavam meu coração, dando apoio, palavras carinhosas ou não, mas que não deixavam a peteca cair.

Às pibidianas pela acolhida e pelas inúmeras conversas, agradeço em especial Larissa e Thais que foram importantes interlocutoras no processo deste trabalho, obrigada pelas escritas, pelos estudos e por dividirem momentos alegres comigo.

Ao meu querido amigo e companheiro que caminhou comigo até os momentos finais da monografia, que me acalmava e abrilhantava meu dia com palavras de carinho.

Agradeço pelos abraços e sorrisos dos meus afilhados, que mesmo pequenos, me ajudavam a não desistir, me ensinando que o amor está na simplicidade, que mesmo longe o carinho permanecia.

Aos professores da FFP obrigada pelas experiências trocadas, por todo o carinho e pelas palavras amigas.

Agradeço de coração a minha querida orientadora Rosimeri por aceitar esse desafio, por toda paciência e que me fez pensar em outros possíveis.

Aos professores e funcionários do Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares e do CIEP Municipalizado 411 Dr. Armando Leão.

Um carinho especial a professora, coordenadora e minha querida supervisora Ana Luiza por todo carinho, pelas problematizações, paciência, encontros e deslocamentos durante a pesquisa, meu muito obrigada!

Aos alunos do CECMS e do CIEP 411 que cresceram junto comigo e que compartilharam nossos conhecimentos e aprendizagem, por aceitarem o desafio da invenção! Obrigada pelas participações e por terem me ensinado tanto.

Todos do Centro Educacional Mello Paulo pela confiança depositada em mim.

A todos vocês fica aqui a minha gratidão.

RESUMO

PAULO, Nayala Damas de. Experiências e Atravessamentos: o PIBID como um dispositivo na formação inicial. Monografia (graduação em Pedagogia) – Faculdade de Formação de Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

Este trabalho monográfico é um ensaio que conta o processo de uma experiência como bolsista de Iniciação à Docência, no Colégio Estadual Macedo Soares, localizado no município de Niterói e no CIEP Municipalizado 411, que fica as margens da Área de Proteção Ambiental do Engenho Pequeno e Morro do Castro, em São Gonçalo. Aqui propomos uma forma diferenciada de viver e pensar a formação de professores, que se deu a partir da inserção no Subprojeto de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo vinculado ao Projeto Saber Escolar e Formação docente na educação básica do PIBID/CAPES/UERJ. O Subprojeto coloca em análise a micropolítica do território escolar e os seus atravessamentos, buscando evidenciar a parceria com a escola básica como um potente dispositivo na formação inicial e continuada de professores. Para isto, utilizamos a noção de formação inventiva, formação experiência conforme proposto por Rosimeri de Oliveira Dias, potencializando experiências entre formador e formandos. Virgínia Kastrup, Félix Guatarri, Gilles Deleuze e Michel Foucault são também, importantes interlocutores como eixo de análise e de intervenção. Dentro deste âmbito serão abordadas experiências acerca da formação de professores pelo viés da invenção. Buscamos pensar outras maneiras de habitar o chão da escola e, sobretudo, repensar as próprias práticas, a partir das análises e intervenções. Para tanto, junto com os conceitos e autores, há trechos de diário de campo, um importante dispositivo para evidenciar as análises entre escrita e produção da docência. Contudo, a ideia é produzir uma monografia outra, que levasse em conta os movimentos do cotidiano escolar, buscando problematizar a nossa formação inicial de professores.

Palavras-chave: Formação inventiva, experiência, iniciação a docência, escola básica.

“Quem é você?”, perguntou a lagarta.

Não era uma maneira encorajadora de iniciar uma conversa. Alice retrucou, bastante timidamente: “Eu - eu não sei muito bem, Senhora, no presente momento – pelo menos eu sei quem eu era quando levantei esta manhã, mas acho que tenho mudado muitas vezes desde então...” (CARROL, 2002, p. 41)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
CAPITULO I- CARTOGRAFANDO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: EXPERIÊNCIAS DO PIBID/CAPES/UERJ.....	14
1.1 CRÔNICAS NA ESCOLA, EXPERIÊNCIAS E ATRAVESSAMENTOS.....	16
1.2 AS PROCESSUALIDADES.....	18
CAPÍTULO II - O COLETIVO ARTE-AMBIENTE-ALTERIDADE COMO FERRAMENTA DE UMA FORMAÇÃO INVENTIVA.....	27
2.1. APROXIMAÇÃO.....	29
2.2. O TAL DO AGORA.....	32
CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

APRESENTAÇÃO

E o que acontece é que modelos não criam, não inventam outras soluções, não mudam de estratégia quando é necessário. Os modelos não nos fazem pensar, e, sim, aderir. (DOMINGUES, 2010, p. 26)

Este trabalho monográfico é um ensaio que conta uma experiência (LARROSA, 2002) de formação inicial de professores, em que “formar não é apenas dar forma a, mas envolve também estratégias de estranhamentos de políticas de cognição cristalizadas para dar lugar a outros modos de relação com o mundo, com pessoas, consigo mesmo, com aprender e com conhecer.” (DIAS, 2009, p.165) Uma aposta para contar algumas experiências e dar visibilidade ao processo de invenção desta pesquisa-monográfica sobre formação inicial de professores tecida nos trajetos do Subprojeto de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores, do Projeto Saber Escolar e formação docente na Educação básica.

Quando se inicia a faculdade em uma universidade pública, em uma faculdade de formação de professores, há um a priori de que neste território se saíra com todas as formas prontas, firmadas e estabelecidas do que fazer em sala de aula, que os professores precisam preencher os alunos, que tudo dará certo, e de que o resultado final será ser uma professora de sucesso.

Antes da escolha por Pedagogia, meu desejo era seguir outra formação, seguir um caminho contrário ao que já estava acostumada a vivenciar, vindo de família basicamente de docentes, via em mim um desejo enorme de encontrar outras brechas, que não seria a educação, mas por destino ou por mera teimosia, a licenciatura me encontrou, e estou nela até hoje e em busca de novos olhares para o território escolar, que é tão criticado e mal visto aos olhos de muitos.

Ao ingressar no Curso de Pedagogia, na Faculdade de Formação de Professores, FFP/UERJ, logo no segundo período da graduação, cursava a disciplina Psicologia e Educação II, ministrada pela professora Rosimeri de Oliveira Dias, ali por conversas envolvidas com os textos, expressava as minhas inquietações em sala de aula, em que o domínio, silêncio e a ordem tinham que estar evidenciados na sala de aula. Como se o professor lidasse com seres que não respirassem, não se mexessem e que não falassem.

Ao longo das aulas mais inquieta ficava e mais dúvidas surgiam em relação a essa formação, do que estamos fazendo por essa formação de professores, queremos professores que prezem pelo silêncio e pela ordem? Professores que não interajam com os alunos? Que não deixam as pulsações dos encontros surgirem, os pensamentos pularem para além da mente? Problematizações que me sufocavam quando analisava o meu percurso por esse lugar – escola - que passamos muito tempo de nossa vida, seja como alunos, professores, coordenadores ou funcionários.

Em meio a uma greve na universidade, surge o convite de ser bolsista do Subprojeto de Pedagogia da FFP, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, o PIBID/CAPES/UERJ¹. A Professora Doutora Rosimeri de Oliveira Dias é a coordenadora do Subprojeto de Pedagogia da FFP, do Projeto Institucional “Saber escolar e formação docente na educação básica” e com mais 5 amigas começamos a habitar a escola parceira, o Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares (CECMS), em 2012.

Entramos com o projeto em movimento, e por ser um projeto de iniciação à docência tomado como um projeto de pesquisa, coloquei-me a estudar, conversar, ler, escrever, estudar, ler, conversar, ler e escrever. Foi necessário certo tempo para a experientiação, pois no Subprojeto há um grupo de estudos regular entre bolsistas, supervisoras e coordenadores que se utiliza de conceitos não muito usuais na universidade. Outra ferramenta de trabalho importante no subprojeto é a produção de diário de pesquisa, uma ferramenta fundamental que funciona como registro dos trabalhos, que se desdobram em produções acadêmicas das atividades desenvolvidas com a escola básica (DIAS, 2014). Ao longo das leituras no grupo fui percebendo que precisava me abrir à experiência, as leituras tinham que acontecer em mim, como uma afecção.

Desde então percebi que não encontraria uma receita milagrosa, nem mesmo que sairia da formação pronta e acabada, a fim de distribuir conhecimentos, mas que a formação se dá por meio de experiência, que para Larrosa (2012) é aquilo que nos acontece, que nos passa, e que saímos transformados. Com esta perspectiva, “é possível afirmar que formação não é simplesmente dar forma ao futuro professor, mas produzir um território que se compõe como

¹O Pibid é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. Os projetos devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola.

um campo de forças criando ética, estética e politicamente outras formas de habitar e pensar e de fazer formação” (DIAS, 2012, p. 30).

Pensar a Universidade em parceria com a Escola Básica é poder se deslocar de uma formação que prima à teoria e esquece que essa já é uma prática (KASTRUP, 2012). A parceria escola básica e universidade, portanto, é um dispositivo potente do pensar as ações (Souza 2010), possibilitando uma formação de professores nova, viva, que imana a vida e nela se desloca, abrindo-se a outras possibilidades de pensar a escola e a si.

Assim, com este ensaio dedico-me a conhecer através de registro das feitura e das análises em diário de campo e oficinas inventivas nas escolas da Rede Pública de Ensino em Niterói e São Gonçalo as experiências vividas no cotidiano escolar. Todo esse trabalho monográfico será atravessado pela noção de experiência. Um conceito muito rico no Subprojeto e que aqui funcionará como um fio condutor para contar o percurso de um trabalho coletivo de 2 anos.

A experiência, a possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2004, p.160 apud Dias, 2011a, p.104)

Nesta perspectiva, rompemos com a lógica de experiência como acúmulo de vivências ou como bagagem adquirida. Ao pensarmos experiências utilizamos o sentido de Larrosa (2011) de permitir que algo nos passe, possibilitando, assim, uma abertura aos acontecimentos.

“(…) não há experiência em geral, que não há experiência de ninguém, que a experiência é sempre experiência de alguém ou, dito de outro modo, que a experiência é, para cada um, a sua, que cada um faz ou padece sua própria experiência, e isso de um modo único, singular, particular, próprio”. (p.7).

Foi nesse contexto que se deu a escolha por esse tema, pensar em outros modos de viver a formação. Para Dias (2011a, p. 23) “formar se compõe, entre outros aspectos, de deslocamentos, de desvios que (de) formam, (re) formam, (poli) formam e (trans) formam cada um de nós e todos nós”.

Inicialmente essa pesquisa aconteceu no Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares CECMS, escola parceira desde o início do Subprojeto em 2011, no entanto o projeto foi ganhando outros movimentos, se expandindo, produzindo deslocamentos. No ano de 2014, acontece a expansão para outra escola, com novas bolsistas, supervisoras e coordenadora. Foi então que me desloquei para o CIEP Municipalizado 411 Dr. Armando Leão Ferreira, com o intuito de explorar outros territórios, pensando em uma formação *outra*.

Assim, ao longo da minha escrita coloco em análise os efeitos que produzi durante os 2 anos de minha participação no PIBID, tanto no CECMS quanto no CIEP 411. Em um trabalho coletivo de pesquisa-intervenção (Dias, 2011b) como eixo teórico-metodológico da investigação, pensando na formação em parceria com a escola, tencionam-se esses ambientes, permitindo lhes causar brechas em suas estruturas que aproximam pontos distanciados e distanciando pontos próximos (MACHADO, 1999, p. 2). Viver no chão dos acontecimentos me afasta dos discursos teóricos, colocando à prova, o contato e a experiência no cotidiano escolar.

Desde modo, traçamos um diálogo com Gilles Deleuze, Felix Guattari, Rosimeri de Oliveira Dias, Leila Domingues, VirginiaKastrup, René Lorau, Jorge Larrossa e outros teóricos que se voltam à expressão de um campo micropolítico e inventivo. Nesta perspectiva é que emerge o objetivo desta monografia, ressoar experiências como bolsista de iniciação à docência, dando visibilidade ao projeto *Crônicas na Escola* e o *Coletivo arte-ambiente-alteridade (AAA)*, apostando um trabalho coletivo e potente no CECMS e no CIEP 411.

Para tanto, no primeiro capítulo serão abordadas algumas experiências no território do CECMS, oficinas desenvolvidas pelo projeto de iniciação à docência intitulado *Crônicas na Escola*. Serão narrados alguns encontros com o intuito de afirmar um trabalho coletivo entre universidade e escola básica. Expondo reflexões, estranhamentos, problematizações entre bolsistas e alunos. Colocamos em análise as oficinas desenvolvidas no CECMe a expansão do território do pensamento dando atenção a outros possíveis.

O segundo capítulo relata experiências no chão do CIEP, abordando as práticas cotidianas e experiências de partilha no desenvolvimento do coletivo *arte-ambiente-alteridade*. Tomando como ponto de partida a arte que se constitui como dispositivo de sensibilização, se abrindo para a experiência. O ambiente, a interação com outras espécies, desestabiliza as lógicas dominantes, provocando estranhamentos e processos de diálogo na alteridade, sem a subjugação do outro.

Contudo, esse ensaio é fruto de aproximações, implicações e deslocamentos na minha vida como pessoa, pesquisadora, professora e estudante de pedagogia. É importante destacar essas transformações que acontecem da maneira quando se abre às experiências que me tocam e tocaram no decorrer da graduação. Procuramos, então, "outros modos de se estar no verbo da vida" (Orlandi, 2002, apud Domingues 2010). Outras formas de ser e estar no mundo.

A pesquisa não se limita a buscar respostas, mas a manter seu movimento, que é o que a potencializa. Suas ações e efeitos não terminam ao cruzar os portões das escolas ou ao fechar os livros dos teóricos estudados, contudo reverberam em nossa vida, compondo sempre outras possibilidades de habitar os territórios existenciais e de fazer outras escolhas.

CAPÍTULO I

CARTOGRAFANDO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: EXPERIÊNCIAS DO PIBID/CAPES/UERJ

Desde Agosto/2011, o subprojeto de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo (UERJ/FFP), do Projeto Institucional “Saber escolar e formação docente na educação básica” PIBID/CAPES/UERJ, aproxima professores e alunos da FFP e do Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares (CECMS). O subprojeto coloca em análise a micropolítica de articulação entre universidade e escola básica para analisar uma forma diferenciada de pensar a formação de professores, por meio de projetos de oficinas regulares desenvolvidas no CECMS (DIAS; PELUSO; UCHÔA, 2013).

O Subprojeto pensa na formação inicial e continuada de professores mergulhada na escola básica, articulando os conceitos e as ferramentas de análise e de intervenção que dão atenção as micropolíticas. Conforme destaca Dias:

Na perspectiva micropolítica, a formação de professores deixa de ser um conjunto de métodos, de didáticas, para ser um campo de relações de forças, forjado coletivamente, que se manifesta de diversos modos e, ao mesmo tempo, pode ser abordada pelas análises dos gestos, das naturalizações de concepções do tipo *(In)formação*, da organização centralizada e vertical do sistema de ensino. (DIAS, 2011a, p.171)

Nesta perspectiva e território, aqui neste capítulo, será analisado o período de 2012/2013. Nesta ocasião acontecem 7 projetos, que são oficinas inventivas e se desdobram no território escolar, referenciadas na mesma linha teórico-metodológico apresentada. São eles: Biblioteca Viva (SILVA, 2014), Colcha de Retalhos, Expansão do Território de Pensamento, Jornal do Macedo, Conversas entre a Questão Ético-racial e o Território Escolar e o Crônicas na Escola (AZEVEDO, MOLEDO, PAULO, 2013). Contudo, neste conjunto de atividades de iniciação à docência, colocaremos em análise algumas intervenções produzidas pelo Projeto *Crônicas na Escola* (AZEVEDO, 2014).

Crônicas na Escola pensa outros meios de vivenciar o território do conhecimento através do chão da escola, habitando os espaços que ela oferece processualizando, inventando e experienciando outros meios de constituição do mundo contemporâneo através das oficinas desenvolvidas. Sua ideia é trabalhar, por meio da confecção de crônicas, a ampliação da visão

dos acontecimentos do território escolar, tanto dos alunos da escola como dos bolsistas.

Foi em meio ao Subprojeto de Pedagogia da FFP/PIBID/CAPES/UERJ que chegamos, 6 bolsistas fazendo parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência, o PIBID que tem como principal objetivo antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública, proporcionando um enfrentamento com o cotidiano escolar e suas imprevisibilidades. A inserção dos estudantes nas escolas públicas é um importante passo para afirmar práticas, proporcionando um diferencial na formação acadêmica, levando em consideração uma formação inventiva de professores, do modo proposto por Rosimeri Dias. “Uma formação inventiva expressa a participação de um coletivo que busca colocar em análise as instituições e os modos de existência que constroem seu cotidiano, suas políticas cognitivas e suas estéticas constitutivas” (2012, p. 36)

Na perspectiva da invenção, o que tecemos é uma micropolítica atenta aos pequenos gestos de formar que acontecem entre a universidade e a escola. O começo das atividades de iniciação a docência aconteceu com a devida atenção aos referenciais teóricos e metodológicos. Com essa aposta o *Crônicas na Escola* tem como intuito a expansão dos territórios de pensamentos, utilizando como possíveis intervenções a leitura, escrita, arte, música, conceito de si e de tempo, enfim, meios que possam vir como efeitos das análises para a invenção de si e do mundo, uma política de cognição que envolve uma atitude, um *ethos*. (KASTRUP, 2008).

Com os referenciais da invenção (KASTRUP, 2008; DIAS, 2012), o *Crônicas* tece uma formação inicial de professores, convidando-nos a pensar e a fazer os territórios escolares como lugar de imanência de saberes e de práticas. Seu objetivo inicial é trabalhar com os alunos o conceito de crônicas (o que vem a ser uma crônica) para assim produzir, criar, forjar algumas crônicas escolares, se abrindo a experiência de colocar atenção no presente vivo do cotidiano escolar e expressá-lo. O que vem auxiliando no desenvolvimento de sua leitura e escrita, além de pensar o território escolar, suas posições no mesmo e a importância que a escola tem em nossas vidas.

A palavra crônica vem do grego "*chronos*" que significa "tempo". Crônica é uma narrativa histórica que apresenta os fatos reais ou não de forma cronológica. Os jornais e revistas nos apresentam as crônicas de forma curta escrita pelo mesmo autor sendo publicado em uma seção diária ou semanal (jornal) e quinzenal ou mensal (revistas), relatando fatos do cotidiano e outros assuntos relacionados à arte, esporte, ciência, política entre outro. Sendo escritas de acordo com visão dos fatos, algumas vezes com frases dirigidas ao leitor como se

estivessem estabelecendo um diálogo com o leitor. Existem diversos tipos de crônicas como a jornalística, humorística, histórica, descritiva, narrativa, dissertativa, poética e lírica (AZEVEDO, MOLEDO, PAULO, 2013).

O *Crônicas na Escola* procura agenciar conceitos como os de políticas de cognição (KASTRUP, 2005), ensaio (LARROSA, 2004), oficina (DIAS, 2015) que tensionamos fazer e o pensar com a escola básica, inventando outros possíveis. Com o intuito de se abrir e produzir um campo de experimentação em que seja possível ensaiar, encontrar e conversar sobre a produção de crônicas. Desse modo, damos forma à construção de um olhar sensível que circula a medida em que suas expressões e os seus diversos modos de sentir e de pulsar a escola e o mundo se evidenciam ou são enunciados, através de textos, músicas e algumas produções dos alunos, compartilhando experiências e facultando a invenção da vida nos territórios formativos.

Como dito anteriormente, o *Crônicas na Escola* funciona por meio de oficinas, que acontecem regularmente, de maneira semanal, com alunos da escola básica parceira. Tais oficinas são feitas como um dispositivo para forjar aquilo que temos feito entre universidade e escola, como Dias propõe “Ele não é um ofício como um dever, uma ocupação, nem uma aula que deve ensinar algo a alguém. Mas como uma oficina, ele é um território onde se exerce uma feitura e se pode dar a ver transformações” (2015, p. 6). Com as oficinas, produzimos intervenções que se dão por meio de músicas, leituras, artes, escritas, conceitos, enfim em que os convida a expandir o território de pensamento e inventar a si e o mundo.

Com estes dispositivos de intervenção, nossa aposta é fazer uma formação inicial dando atenção à outros possíveis (Dias 2015). Isto significa dizer que buscamos dar visibilidade a uma pesquisa que se faz no coletivo, com a escola básica.

1.1 CRÔNICAS NA ESCOLA, EXPERIÊNCIAS E ATRAVESSAMENTOS

Como dito anteriormente, as análises e intervenções que serão expressas neste trabalho emergem das experiências tecidas por 5 bolsistas de iniciação à docência, do projeto *Crônicas na Escola*, do Subprojeto de Pedagogia da FFP/PIBID/CAPES/UERJ, no período de agosto de 2012 a dezembro de 2013. Em consonância com o objetivo geral do Subprojeto de Pedagogia, este trabalho acontece no contexto de uma análise das práticas, dos aprendizados, dos acontecimentos, das políticas de cognição, da formação inventiva de professores e das relações que constituem o cotidiano da Escola Básica e da Formação inicial e continuada de Professores (DIAS, 2011).

Entramos no programa institucional PIBID/CAPES/UERJ pelo meio, uma carga de leitura, algumas bem complexas, na qual nos tirava do lugar, muitos conceitos ainda eram desconhecidos por nós e já havia alguns trabalhos em constituição no Macedo Soares, como dito anteriormente. Foi nesse *entre* que nos foi dado o desafio de pensar e construir um projeto que trabalhasse com crônicas. “Crônicas Escolares” foi a ideia proposta pela coordenadora Rosimeri e supervisora Adriane, seria uma produção textual com a escola. Após um período de estudos, diálogos, enfrentamentos e vivências no território escolar as atividades foram se transformando e tomando novas possibilidades, foi se tensionando e dando seus primeiros passos.

A ideia inicial de “Crônicas Escolares” nos tocou. Estávamos a cada encontro mais afetadas pelas leituras e pelas conversas entre bolsistas e supervisoras, passamos a estar com os alunos da 701/801 regularmente, todas as quartas-feiras no horário da manhã, nossa supervisora Adriane disponibilizava um tempo de sua aula para a realização das oficinas inventivas.

Na processualidade de constituição do *Crônicas* enquanto um projeto, de atuar nos territórios das micropolíticas e agenciar encontros, percebemos que a sugestão de trabalharmos com “Crônicas Escolares” nos limitava. Precisávamos ampliar nosso campo de experimentação, sentirmos o território da escola e através dela produzir. As crônicas não se limitam a palavras sendo rabiscadas em folhas, nestas sendo rasgadas pelo mau resultado. As crônicas são efeitos das experiências à flor da pele na arte dos encontros; as crônicas são fotografias que capturam um olhar, poemas que emergem das afetações, olhares que se cruzam e inventam outros meios, outras formas, outros *outros*.

Foi nesse sentido que o, originário, “Crônicas Escolares” já não nos cabia mais. Era pequeno demais, não nos permitia tensionar, dobrar, esticar, produzir, embarcar nosso grau de abertura as experiências que nos eram narradas aos encontros com os alunos do colégio. Era preciso retirar dos restos arqueológicos daquela ideia algo novo, que nos permitisse confrontar o que nos era dado, contudo não nos era próprio.

Buscamos trabalhar com todos os tipos de crônicas, onde as mais aceitas pelos alunos são as humoristas, históricas e narrativas. A ironia das crônicas humoristas é uma característica que se faz presente nas produções dos meninos, a descrição de fatos reais presente nas crônicas das meninas é uma característica das crônicas históricas e o comprometimento com fatos do cotidiano presente nas crônicas narrativas é outra característica frequente nas crônicas dos alunos de uma forma geral. Não é uma regra até porque não trabalhamos com as mesmas e sim algo que vem sendo colocado em análise.

1.2 AS PROCESSUALIDADES

Como já dito anteriormente, o *Crônicas na Escola* teve a ideia inicial proposta pela coordenadora e supervisora, sendo a Adriane (supervisora) professora de português do ensino fundamental do CECMS. A ideia foi acolhida por nós bolsistas, mas começar exigia muitas leituras, do território escolar, de autores, dos pequenos gestos cotidianos, foi nessa perspectiva que os grupos de estudos nos auxiliavam na construção de dispositivos para o desenvolvimento do trabalho cotidiano, suas realizações regularmente, textos escolhidos com antecedência e um cronograma de trabalho por semestre a ser seguido, os encontros semanais permitem reflexões nos processos dos planejamentos das atividades abrangendo o território escolar.

Com esses estudos, começa a realização do projeto *Crônicas* que se constituiu com alunos das turmas 701/801. As oficinas eram realizadas como um acompanhamento de singularidades que forjavam modos de existir (Dias, 2015). Ao adentrarmos a sala de aula, apropriamo-nos da Análise Institucional, proposta por Lourau (1993), e negociamos com os alunos. Ensaíamos previamente cada oficina, contudo expandimos nosso grau de abertura para a experiência, e vamos deixando as imprevisibilidades da escola nos mover, constituindo encontros. E é bom lembrar, como nos diz Dias (2012), que encontrar é problematizar.

Negociamos os locais que a escola nos permite para a realização das oficinas. Exploramos conceitos enquanto vamos afirmando nossas práticas cotidianas de acompanhar processos através da cartografia (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009) e do diário de campo (LOURAU, 1993). Com estes conceitos imersos nas trajetórias com o CECMS e com os alunos, foi possível ver a emergência de outro Macedo Soares. Em especial, porque a escola é, geralmente, encoberta por olhos cansados de apriorismos escolares.

Contudo, os alunos se mostravam interessados e com muita vontade de participar do projeto, eram adolescentes na faixa etária de 13 anos e após uma conversa inicial, muitas dúvidas surgiam em relação ao funcionamento do projeto *Crônicas Escolares* e dizíamos que iríamos aprender coletivamente, que nossos encontros seriam de grandes aprendizagens para os dois lados, pois estávamos aprendendo, aprendendo com os textos, aprendendo com a vida, aprendendo com o coletivo.

“Aprender não é adaptar-se a meio ambiente dado, a um meio físico absoluto, mas envolve a criação do próprio mundo” (KASTRUP, 2001, p. 21). Essa criação do próprio mundo envolve-nos em uma produção de subjetividade. Constituir-se no CECMS é produzir a

si, aprender, inventar. Não é descobrir ou tomar posse do mundo, é inventar a si e o mundo.

As propostas para cada semana vão se emaranhando nas subjetivações que vamos constituindo, inventando outras problemáticas, saindo dos limiares dos papéis decorados e permitindo-nos tatear pelas manhãs no território escolar. Um tema, uma escola, uma crônica a ser produzido, um encontro, uma vida. E uma mistura de sensações e emoções que vem sendo habitado neste território, se apropriando dos modos de fazer e pensar e destituindo-se da representação. Trazer das mesmas palavras cansadas e repetidas outros modos de fazer.

Habitar um território é um processo que envolve o “perder tempo”, que implica errância e também assiduidade, resultando numa experiência direta e íntima com a matéria. Não basta o decorrer do tempo cronológico, embora a repetição da experiência ao longo do tempo seja uma condição necessária. O habitante de um território não precisa passar pela representação. O habitar resulta numa corporificação de conhecimento, envolvendo órgão dos sentidos e também músculos. (KASTRUP, 2001, p. 22)

Em uma das oficinas intitulada como “O olhar sobre o Macedo”, exploramos o conceito de território, como condição de conhecimento e produção de subjetividade (Deleuze e Guattari, 1997), a partir desse conceito afirmamos nossa prática. Máquinas fotográficas, celulares, e alguns cadernos foram nossos dispositivos nesta manhã de quarta-feira. Alunos divididos em grupos com o objetivo de fotografar seus espaços. Fotografar o Macedo, seus lugares preferidos, espaços que são marcados por acontecimentos e sentimentos muito próprios. Após esse momento de fotografia, iriam escrever sobre o motivo daquele espaço, escrever o efeito da afecção por aquele território.





Oficina: “O olhar sobre o Macedo”

Em meio a uma proposta, a de habitar o território escolar, passamos a enxergar o Macedo Soares com outros olhos. Aos olhos dos alunos. Máquinas fotográficas, alunos e suas experiências, esses foram nossos dispositivos durante esta atividade realizada com os alunos da turma 701/801.

Fotografar a escola, seus lugares prediletos e numa conversa, sem nenhuma cobrança, totalmente natural, foram saindo relatos pessoais e marcantes para cada aluno que participou desta saga pelos territórios escolares. Várias fotos tiradas, de diferentes lugares, e alguns que não era habitado por nós, mas que eram particulares deles.

Habitar o território da formação e da escola não é apenas buscar soluções para problemas prévios, nem tampouco forjar novas tarefas para serem aplicadas na escola, mas envolve disponibilidade e abertura para o encontro com o inesperado, o que significa alterar prioridades e eventualmente redesenhar o próprio problema do aprender e do ensinar. (DIAS, 2011, p.274)

Neste trabalho, ensaiamos a ideia da produção de crônicas a partir do território experienciado por eles, essa era a proposta, fotografar e produzir! Mas o inesperado aconteceu, os alunos por mais participativos que fossem, tinham muitas dificuldades em produzir, em todo o momento perguntas surgiam e a busca por um modelo, um exemplo os inquietavam a todo o instante, desmistificar (Dias, 2014) os modelos que existem nas práticas adquiridas durante toda vida escolar foi um desafio e por esse motivo foi uma oficina marcante, pois ao mesmo tempo em que desafiávamos os alunos, eles nos tiravam do lugar.

Para mim essa oficina foi uma das melhores que desenvolvemos com os alunos, o olhar dos alunos me encantou, foi algo além das minhas expectativas. Quando levamos a proposta, de sair pelo Macedo para fotografar, foi fora do comum. Algo que eles não esperavam. (Diário de Pesquisa)



Habitando a sala de informática para produzir os textos

Esses acontecimentos são importantes analisadores para se pensar o nosso trabalho, o efeito que as oficinas se dão em nós, pois ao mesmo tempo em que alunos e bolsistas são afetadas diariamente pelo simples desejo de estar ali e se encontrar, conversar e pensar sobre o território escolar, encontramos alunos que se deixam levar pelos modelos, pelos exemplos de como fazer. Foi importante pensar nessa oficina que alunos estamos ajudando a formar? Alunos que esperam pelas correções? Que sentem desejo de esperar um exemplo do professor? Que não se sentem capazes de serem autores de suas próprias histórias?

A problemática em relação a não produção de crônicas foi levada para supervisão, questões e problematizações permaneceram durante todo o nosso trabalho, talvez a ajuda que estávamos precisando não foi muito compreendida, mas o caos permanecia e borbulhavam em nossas mentes, a dificuldade dos alunos em escrever. E fomos mergulhar nas leituras, conversar com outras bolsistas para pensar em outros possíveis.

Até que surgiu um evento, escrever um texto para o seminário, contar nossas experiências com os alunos, mas como dar visibilidade a um trabalho que se chama Crônicas na escola, se ainda não temos produzido crônicas? E em uma conversa com a coordenadora Rosimeri, colocamos em análises nossas inquietações, não temos crônicas! E ficou marcado uma fala da Rosi “Vocês podem não ter crônicas daquelas formais, conhecidas por grandes escritores, mas tem produções! Escritas de alunos que reverbera o trabalho do crônicas”. E esse foi o pontapé inicial para nossa escrita, foi aí que surgiu fôlego para uma escrita a seis

mãos. Algumas produções dos alunos com a oficina “O olhar sobre o Macedo” (AZEVEDO, MOLEDO, PAULO, 2013):

A biblioteca é um lugar que eu gosto de ir porque eu adoro ler, principalmente livros de ação terror e suspense, eu tenho muitos livros em casa, mas nenhum como os da biblioteca então eu aproveito para ler os daqui (Aluno da 701/801 ao fotografar a biblioteca).

A biblioteca é um espaço que proporciona aos alunos estudar com o material que a escola possui, ajudando nos trabalhos da escola (Aluna da 701/801 ao fotografar a biblioteca).

Eu gosto desse lugar porque é aonde eu e meus amigos relaxamos depois de um dia cansativo na escola, ali teve muitas brincadeiras com amigos que já saíram da escola, danças e conversas muito legais, pois se tem um lugar favorito e é esse (Aluna da 701/801 ao fotografar o pátio).

Ao analisar os registros dos alunos durante a oficina de fotografia, vimos que o local em destaque da escola era a biblioteca, e que aquele lugar era um espaço de se encontrar e conversar. E, por mais que tivéssemos dificuldades em forjar crônicas, não nos fechávamos para uma experiência formativa experienciada pelos atravessamentos da escola básica. Não tínhamos crônicas, mas conseguimos cartografar alguns movimentos da formação inicial. Emerge assim, a ideia de pensar outros modos de produção de vida na escola, promover agenciamentos e atuar numa perspectiva de uma formação inventiva (DIAS, 2012). Uma formação que é efeito de uma relação problemática com as imprevisibilidades do território escolar, que se encontra em constante transformação.

Trabalhamos a produção das crônicas a partir da experiência dos alunos no território escolar. De forma que experiência não é simplesmente aquilo em que é vivido e experimentado, é muito além, é aquilo “que me passa, que me toca, me modifica” (LARROSA, 2002, p. 21). Deste modo, não podemos pensar nossas experiências com a escola ou em qualquer que seja o lugar ou situação a partir de tudo em que vivemos e sim tendo em vista tudo aquilo que nos afetou e provocou mudanças. É o que passa em mim a ponto de produzir experiência.

Para melhor compreender este conceito foi necessário debruçarmos sobre o estudo de Jorge Larrosa a respeito da “experiência é isso que me passa”, aprofundando seus sentidos implicados as palavras que compõem esta frase.

O sentido da palavra ex-periência em seu estudo é “ex”; “ex/trangeiro”, “ex/ílio”, “ex/tase”, “ex/terioridade”. Ele aborda a palavra “isso” como um acontecimento, um passar de algo que não sou eu. Sua existência não tem nenhuma ligação com a minha existência. “Princípio de Alteridade”, “é porque isso que me passa tem que ser outra coisa que eu. Não

outro eu, ou outro como eu, mas outra coisa que eu. Quer dizer, algo outro, algo completamente outro, radicalmente outro” (LARROSA, 2011 p.6) Embora a experiência não dependa de mim, é algo que “me” passa, “passa” no sentido de passagem que emerge/aflora a sensibilidade. Desta forma a experiência, só acontece na relação com o outro, é única para cada sujeito. Para Larrosa, não existe experiência coletiva, por ser um fenômeno fundamentalmente subjetivo. Por exemplo, realizamos a mesma pesquisa, com os mesmos alunos, no mesmo colégio, vivenciamos as mesmas coisas, mas o que passa em nós e nos marca, são coisas/situações/vivências completamente distintas ou até mesmo marca de alguma outra forma.

Outra experiência que nos afetou, foi à oficina realizada a partir do tema gerador do CECMS: Niterói X São Gonçalo, o assunto foi colocado em análise pelo fato do colégio ficar localizado na divisa entre São Gonçalo e Niterói. Nessa oficina o projeto Crônicas na Escola utilizou a arte como crônica. Tinta, cartolinas, textos e músicas foram utilizados para discutir e problematizar essa oficina.



Oficina desenvolvida pelos alunos do CECMS

Os alunos levaram algumas problematizações para pensarmos coletivamente, tais como as diferenças vistas por eles das praias de São Gonçalo e praias de Niterói, questões referentes ao lazer, enfim conversamos e buscamos outros possíveis para nossas práticas, pensamos outros modos de diferenciação, não queremos solucionar problemas, mas buscamos uma invenção de problema.

Assim como muitos alunos, também moro em São Gonçalo e vejo através das falas deles algumas que me representavam já me questionei muitas vezes que nada em São Gonçalo é bom, que praia boa é de Niterói, que lazer tinha que ser feito em Niterói, porque lá tem lugares para passear, que lá dava para

respirar. Mas hoje me pergunto o que é bom? O que é ruim? Porque não posso respirar em São Gonçalo? Será que porque a maioria das pessoas tinha esse discurso e eu só representava? Eu moro em São Gonçalo, estudo aqui e não faço parte desse lugar? Acho que não enxergava e não aproveitava o que esse município me mostrava todo o dia, as belezas das pessoas, das inúmeras culturas, de cada gesto. Enxergava com outros olhos. (Diário de pesquisa)

O intuito das oficinas é provocar incertezas, problematizações e questões, não para serem respondidas, mas para serem analisadas e pensadas, apostando em formar um coletivo de forças seguindo um caminho de produzir e implicar conhecimento. E no final da manhã saímos refletindo sobre tudo que problematizamos, e como também reproduzia diversas falas dos alunos. Colocamo-nos a pensar e a experimentar uma aprendizagem em devir.

Pensar o devir implica, ao mesmo tempo e necessariamente, experimentá-lo de modo diverso. E se então percebêssemos que se passa exatamente o contrário: o fundo de qualquer ser exprimiria imediatamente primeiro um devir, irrefreável e ilimitado. Todo ser é sempre meio. Não um começo, nem um fim. Meio extremo de afirmar a diferença, de diferenciar o que difere, de fazer com que nos tornemos cada vez mais diferentes do que somos e distantes do que éramos; mais plurais por singularidade, mais singulares por comunidade de ser, fazendo coexistir, vibrar e ressoar em nós o que difere; meio de fazer com que nos diferenciemos cada vez mais não apenas dos outros, mas, sobretudo de nós mesmos. (FUGANTI, 2012, p. 76)

Sendo, ao mesmo tempo, moradoras e estudantes do município de São Gonçalo nos permitimos um movimento de desaprendizagem, em que colocamos questões e analisamos os efeitos no campo problemático vivo e intenso experienciado e tecido por múltiplas linhas junto com os alunos do CECMS. Neste sentido, o que fazemos entre universidade e escola básica é acompanhar e intervir nesses processos e cartografar os diferentes modos de constituição de conhecimento. (Dias, 2014)

Ao caminhar e experimentar o território escolar são enlaçadas linhas tecidas entre nós, instituintes em acontecimentos, em linhas (DIAS, 2011) na qual propiciam que os movimentos aconteçam, somos constantemente afetadas pelos alunos e professores, problematizando a questão da formação docente. Traçar linhas que facultam desnaturalizar o que temos feito com a escola básica. Por isto, em nosso trabalho não buscamos respostas prontas, pré-estabelecidas, mas nos reunimos com o intuito de problematizar, de inventar problemas, de intervir, e para forçar o pensamento a atravessar linhas previsíveis e imprevisíveis, linhas de fuga.

As linhas de fuga são o que escapa o que por definição não é codificado, embora possa estar sujeita à codificação e à sobrecodificação e seu processo de universalização, mas quando isso ocorre é porque não se trata mais da

linha de fuga. Devido a seu caráter criador, ela é primeira e devemos considerá-la como o único fenômeno real de resistência a todo tipo de poder estabelecido. (DELEUZE, 1996)

Com tais linhas não buscamos o novo, mas um fazer distinto de que éramos e temos re-inventado nossa formação por meio das atividades realizadas com a turma 701/801. Para Deleuze essas linhas permitem-nos analisar processos que estão sempre em desequilíbrio, em constante mudança, que buscam o saber e o poder e a constituição.

Outra atividade importante de cartografar no contexto do *Crônicas na Escola* é a Semana Afro Brasileira, evento desenvolvido pela escola há 13 anos, o Macedo se mobiliza e comemora com uma grande feira, promove um desfile com penteados afro, os alunos apresentam e desenvolvem alguns trabalhos, músicas, debates, conversas sobre o negro e sua importância na história do nosso país. Alunos, professores e funcionários em um grande movimento para a realização desse projeto.

E durante essa semana o projeto *Crônicas na Escola* se reuniu e planejou uma oficina com essa temática. Alguns textos sobre a Consciência Negra foram trazidos por nós, bolsistas, para iniciar nossas conversas, alguns alunos disseram a respeito do preconceito com a cor da pele das pessoas, nossa conversa ressoou e paramos para analisar algumas situações de preconceito, os alunos participaram desta oficina com falas e acontecimentos vividos por eles ou por conhecidos e finalizamos com algumas palavras, pequenos textos e desenhos para a confecção de um cartaz para expor no pátio, como forma de dar visibilidade as nossas conversas.

Ter consciência de que preconceito não leva a nada

Ser negro não é ser menos.

Xô PRECONCEITO!

Meu cabelo não é ruim, não fez mal a ninguém.

Lutas!

Diga não ao preconceito!



Oficina sobre a Consciência Negra

Conversar sobre os movimentos negros, sobre a semana afro da escola, ouvir alguns relatos dos alunos foi uma experiência incrível, os alunos sentem vontade de dar seus relatos, querem falar aquilo que acreditam sem aquela cobrança de estar certo ou errado, dar a opinião deles e pronto, sempre alertamos os alunos que no projeto Crônicas eles encontram brechas para dar e defender suas ideias, foi difícil! Encontramos muitas resistências, mas aos poucos vão compartilhando suas experiências (Diário de Pesquisa).

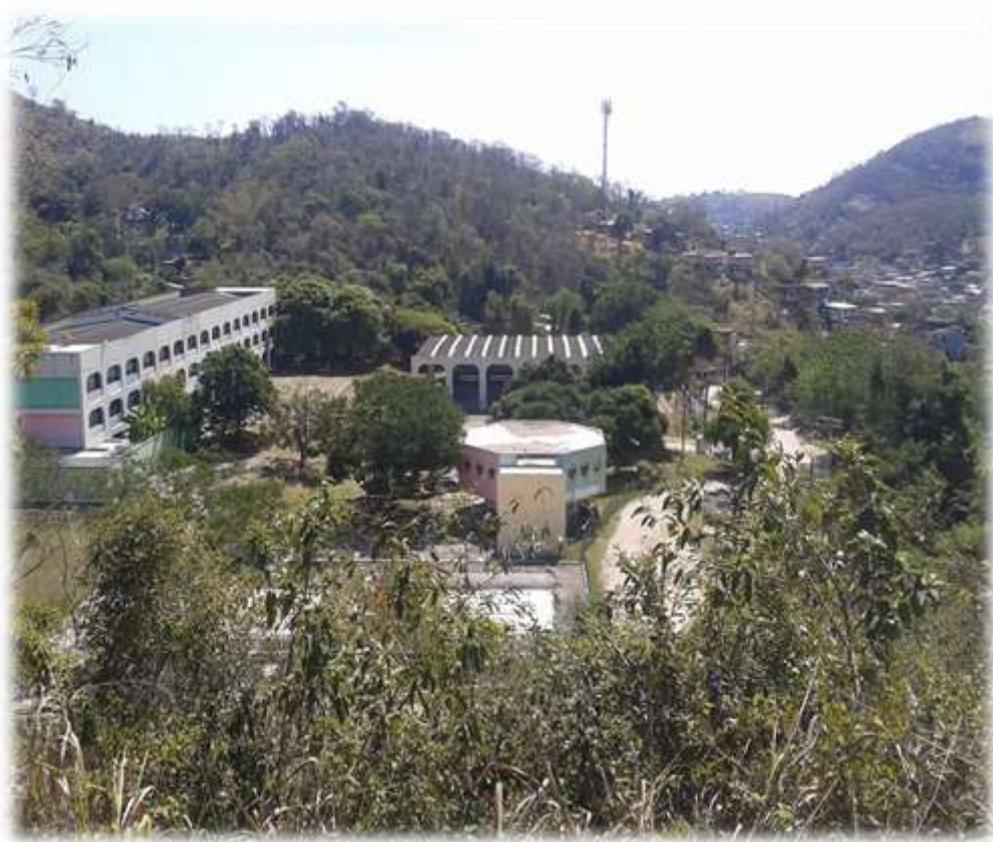
Neste primeiro capítulo, contamos alguns caminhos traçados durante o projeto *Crônicas na Escola*. Trajetórias que foram guiadas por alunos, bolsistas e pelos atravessamentos da escola, como ressoaram aquilo que estávamos vivendo com as leituras e discussões de textos, algumas experiências e análises mergulhadas com a escola para tornar visível algumas linhas de formação inicial em pedagogia realizada entre universidade e escola básica.

O nosso desafio foi manter vivo um campo problemático no território escolar que tensionam as relações, as certezas e propõe uma atitude transversal de experienciar e ensaiar modos de se estar na escola. Com o Subprojeto tivemos a oportunidade de ensaiar uma formação inicial atravessada pela escola básica. Ao ensaiar modos tecemos encontros e conversas com a escola, a formação e alunos que problematizaram os ditos aprendizados de ser professor. Esta experiência abre uma dimensão de trabalho que coloca atenção nas práticas e nos modos inventivos de se fazer a formação inicial.

CAPÍTULO II

O COLETIVO ARTE-AMBIENTE-ALTERIDADE COMO FERRAMENTA DE UMA FORMAÇÃO INVENTIVA

A aposta, aqui, é de continuar a cartografar os movimentos de uma formação inicial tecida entre universidade e escola básica. Por isto, este capítulo busca dar os contornos do ano de 2014 junto ao Subprojeto de Pedagogia da FFP/PIBID/CAPES/UERJ. Neste sentido, este capítulo busca dar visibilidade ao coletivo arte-ambiente-alteridade (AAA). Este coletivo acontece no CIEP 411 Municipalizado Dr. Armando Leão Ferreira, escola parceira, que fica situado no Engenho Pequeno em São Gonçalo. O CIEP 411 está localizado nas margens da Área de Proteção Ambiental do Engenho Pequeno e Morro do Castro, que é um dos últimos remanescentes florestais do município, com isso o número de bolsistas e supervisoras dobraram.



CIEP Municipalizado 411 Dr. Armando Leão Ferreira



Bolsistas, supervisoras e coordenadoras do Subprojeto de Pedagogia - 2014

Em nossos encontros entre alunos, bolsistas, professores e funcionários tensionamos relações de poder/saber e controle, propondo um olhar investigativo e autogestionário (LOURAU, 1993) no interior da instituição escolar. Nesses encontros, a arte constitui-se como dispositivo de sensibilização, disparador de deslocamentos e de abertura para a experiência, como uma ferramenta de problematização e desnaturalização dos postulados.

Da mesma forma, o ambiente, a interação com outras espécies, desestabiliza as lógicas dominantes, provocando estranhamentos e processos de diálogo na alteridade, sem a subjugação do outro. O convívio com a mata e a horta faz parte do cotidiano onde se desenvolve esse trabalho. Assim, apostamos na arte-ambiente como estratégia de uma formação inventiva de professores, uma experiência de problematizar formas e políticas de cognição cristalizadas, dando espaço e tempo para outros modos de relação com o mundo, com as pessoas e consigo.

A aposta de uma formação inventiva é fazer com o outro, e formar é criar outros modos de viver-trabalhar, aprender, desaprender e não apenas instrumentalizar o outro com novas tecnologias ou ainda, dar consciência crítica ao outro. Uma formação inventiva é exercício da potência de criação que constitui o vivo, é invenção de si e do mundo, se forjar nas redes de saberes e fazeres produzidas historicamente e coletivamente. (DIAS, 2012, p. 36)

O coletivo AAA segue algumas linhas, linhas trazidas por Foucault que se movimentam, algumas direções com o intuito de acompanhar os processos do território escolar, tais como: a Banda, o Jornal O tal do Agora² e as oficinas de danças. O coletivo é produto dos modos como se dão os encontros (SCHEINVAR, 2012). Cada bolsista tem um envolvimento maior com uma dessas frentes, no entanto, é comum que circulem e participem das atividades das demais. Na Banda, a proposta é uma vivência musical onde cada aluno envolvido aprende a tocar diversos ritmos e instrumentos, que circulam durante os ensaios, em uma proposta musical que aposta na criação coletiva. O Jornal O Tal do Agora reúne alunos, bolsistas e supervisora para conversa e produção textual. A oficina de danças emerge da II Festa da Cultura do CIEP e acontece paralelamente aos ensaios da banda, é proposta pelo AAA como um espaço de experimentação, onde as crianças e bolsistas problematizam sobre outras culturas. Em todas essas linhas experienciais que são entrelaçadas o coletivo arte-ambiente-alteridade, há um ponto em comum que é a troca e a aproximação dos alunos, bolsistas e professores, produzindo relações de afetividade e coletividade, desnaturalizando posições hierárquicas estabelecidas e problematizando conceitos reproduzidos no cotidiano.

Coletivo é condição de trabalho. Coletivo não é equivalente a um conjunto de várias pessoas, mas sim como processo que cria um campo de multiplicidades, de possibilidades. Portanto, essa ousadia só se sustenta em um processo de criação de multiplicidades. (MACHADO, 2012 p.8)

O coletivo AAA sustenta essas multiplicidades citado por Machado, pois permite as bolsistas se deslocarem pelas imprevisibilidades do cotidiano escolar. Experimentamos, como dito anteriormente 3 direções distintas – O jornal, A banda e as danças – Dentro deste coletivo inventamos possibilidades de viver no chão da escola partindo a partir dessas linhas de afetividade, aproximação e coletividade.

2.1 APROXIMAÇÃO

A escolha por mudar de escola está no fato de não me acomodar e buscar novas experiências, novos atravessamentos. Foi desafiador! Ir para um CIEP com sistema integral que funciona da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II, pensei em poder vivenciar em minhas áreas de interesse e estava em busca do novo, de novos olhares.

² <https://www.facebook.com/O-tal-do-agora-1462280974033714/>

Olhar o outro, olhar o entorno, olhar para si. Olhar o que se fez e deixou de fazer, as linhas e entrelinhas, o visto e não visto. Olhar como condição de pesquisador-estrangeiro que, no esforço para desnuviar seus olhos, reconhece as nuvens onipresentes em todo e qualquer olhar. (ZANELLA, 2012, p. 171)

Ainda com as palavras de Zanella (2012, p. 172) “se por um lado olhar depende do olho físico, por outro o *transpõe* na medida em que um se diferencia do outro”. Chegamos ao CIEP 411 com muitos olhares, cada bolsista olhou de uma maneira própria, olhar curioso, olhar atento, olhar de medo, olhar de novo, enfim olhares... Procuramos um olhar estrangeiro, aquele que parece invisível às pessoas do lugar e até mesmo ao pesquisador. Olhar aquele CIEP com olhar de pesquisador-estrangeiro nos fez pensar nas possibilidades de ver tantos outros possíveis, de pulverizar sentidos e cocriar outros e outros... (ZANELLA, 2012).

“Tudo Novo de Novo”!

‘O bacana da vida são as experimentações! Então vamos experimentar e viver o novo! Que venham as experiências.’

E assim mais um semestre ganha forma, uma forma que não tem aparência de forma alguma, mas que vem se transformando e se mostrando visível primeiramente em mim. Sinto-me afetada pelo projeto, pelo novo que ainda é desconhecido, que por mim mesma decidi mudar, me abrir a uma nova experiência, sem ter ideia do que encontrar.(Diário de Pesquisa)

Os primeiros encontros foram marcados pela aproximação, aproximar do lugar, dos funcionários, dos bolsistas e dos alunos. Esse último não foi tão difícil, pois ao habitar o território os olhares curiosos se atentavam para a aproximação, e a cada passo dado essa relação se afirmava, buscávamos estabelecer encontros e estreitar barreiras com os alunos.

As várias formas de analisar o verbo “aproximar” nos fazem pensar pluralmente, sem pontos finais. As vírgulas são companheiras neste caminho de refletir sobre o ato de se aproximar, podendo sempre haver um complemento de ideias. Como bem dizem alguns dicionários tradicionais, “aproximar” significa pôr junto; fazer com que uma coisa fique ou pareça estar perto de outra; estabelecer relações entre; aliar (Bueno, 1995, p. 79). Será que é tão fácil assim se aproximar de algo ou alguém, como dizem as palavras do dicionário? Estar perto nem sempre significa estar próximo. Quantas vezes estamos longe das pessoas, dos lugares, dos cheiros e nos sentimos tão próximos a eles? Nesse caso aproximar é bem mais do que um verbo ou uma ação, é um sentimento, uma energia que corre ou não corre por entre nós. (CORRÊA, 2014, p. 25-26)

O desafio de saber encontrar no acontecimento aquilo que nos força pensar e nos tira da repetição do mesmo, impulsionando-nos para o próprio ato da potência de existir (DIAS;

PELUSO; UCHOA, 2013). A tentativa de se aproximar do CIEP 411 se tornou mais potente pelo movimento que toda a escola estava vivenciando, os professores estavam ensaiando uma greve e nós estávamos ali, nos mostrando solidárias aquela luta, que não era uma luta solitária, apoiávamos uma luta por melhores condições de trabalho, pelos direitos dos alunos, por mais professores, pelas refeições, por aquela comunidade. “Como cartógrafos, nos aproximamos do campo como estrangeiros visitantes de um território que não habitamos. O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos.” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 61)

No dia 26/03 os professores do CIEP 411 decidiram aderir à greve do município de São Gonçalo; desde então, os alunos estão sem aula. Hoje, no dia do nosso encontro semanal na escola, foi marcada uma reunião com os pais. Estou feliz por ter a oportunidade de participar deste momento e acompanhar o processo da greve. Essa reunião está sendo realizada no intuito de comunicar aos pais/comunidade sobre os motivos da greve e tentar trazê-los para esta luta. A sala do refeitório estava cheia; ali estavam presentes alguns pais (cerca de 25); nós bolsistas do grupo de pesquisa; um grupo de (cerca de 10) meninas que acredito serem professoras e as professoras do Ciep. Começou a reunião e as professoras apresentaram ponto a ponto, a realidade da escola e suas necessidades. Como tônica, na fala de cada docente, estava claro que aquela era uma luta pelo bem da comunidade e que não é possível resumir aquela greve à conquista de salários dignos. (Diário de Pesquisa)



Movimento de greve no CIEP 411- Reunião com os pais e professores

Estávamos semanalmente acompanhando esse processo de greve na escola e cada encontro pensávamos em como manter vivo um campo de pesquisa sem alunos? Como dar visibilidade aos movimentos de greve nos nossos projetos de iniciação a docência? Entre esses acontecimentos nos encontrávamos e conversávamos. Era preciso estudar. Os grupos de

estudos foram importantes interlocutores nessa formação *outra*. São potentes para auxiliar na construção de dispositivos para o desenvolvimento do trabalho cotidiano, com suas realizações regularmente, os encontros semanais permitem reflexões nos diferentes processos que acontece no território escolar. Com as leituras que fizemos, aprendemos que a escola é um campo de implicação, um lugar de conhecimento vivo.

A análise de implicações, conceito trazido pela Análise Institucional, coloca em discussão a institucionalização/naturalização de práticas presentes em diferentes territórios. Tal ferramenta busca problematizar a produção de verdades que se fazem presentes nessas práticas e nos espaços por elas habitados, possibilitando um estranhamento dos modelos hegemônicos historicamente construídos de se fazer pesquisa. Tal conceito permite articular lacunas, perceber relações, questionar a homogeneidade, a coerência, a naturalidade dos objetos, dos sujeitos, dos saberes e da própria pesquisa. Colocar em análise as implicações permite, portanto, perceber as multiplicidades, as diferenças, a potência dos encontros, sempre coletivos e a produção histórica desses mesmos objetos, sujeitos e saberes. (COIMBRA; NASCIMENTO, 2012, p.131)



Grupo de estudos no CIEP 411



CIEP 411 - Dr. Armando Leão Ferreira

2.2 O Tal do Agora

Como dito anteriormente, nos primeiros encontros o trabalho foi realizado juntamente com as demais bolsistas, coordenadora e supervisoras do CIEP operando pelo eixo de análise e intervenção da pesquisa, trabalhando com o tensionamento das formas instituídas no campo. Para tanto, neste período da greve do município de São Gonçalo, habitávamos o território

escolar por meio de grupos de estudos regulares, produção de diário de pesquisa (LOURAU, 1993) que deram consistência para as posteriores realizações das oficinas inventivas.

Após o retorno às aulas, desenvolvemos dentro do coletivo arte-ambiente-alteridade 3 propostas inventivas, são eles: a Banda, as oficinas de danças e o jornal *O Tal do Agora*, que terá um aprofundamento maior neste capítulo. As primeiras reuniões do jornal foram realizadas com alunos do 2º segmento e foi um ensaio para aproximação dos alunos e bolsista. As reuniões aconteciam juntamente com a Ana Luiza, supervisora do subprojeto de pedagogia da FFP, professora de Biologia do CIEP 411 e coordenadora da escola.



Os alunos, a bolsista e a supervisora se reuniram para pensarem sobre o nome do jornal e como as sessões do jornal serão divididas, quais reportagens e se a criação de uma página no facebook fosse interessante. (https://www.facebook.com/O-tal-do-agora-1462280974033714/?ref=br_rs) Os alunos deram vários nomes e a Ana Luiza escreveu todas as possibilidades no quadro, houve uma votação e o nome *O tal do Agora* foi escolhido para envolver alunos, funcionários e bolsistas na interação com o CIEP.

Como uma atividade para dar maior visibilidade e aproximação dos alunos e da escola como um todo, pensamos na confecção de um mural, como forma de dar voz ao coletivo AAA e também às outras atividades do Subprojeto de Pedagogia da UERJ/FFP que estava acontecendo no CIEP. O mural surgiu muitos efeitos, os alunos tiveram uma constante curiosidade, que se expressava por meio de perguntas no pátio da escola, durante os intervalos das aulas.



Confecção do mural *O Tal do Agora*

Como dito anteriormente, o CIEP 411 fica localizado às margens de uma proteção ambiental e para dar atenção àquilo que fica em torno da escola e que faz parte do cotidiano dos alunos, partiu a ideia de uma visita a APA do Engenho Pequeno e Morro do Castro para inserir no jornal. O coletivo arte-ambiente-alteridade vê na interação com o ambiente, um dispositivo de problematização das práticas de dominação e controle. Dentro dessa atividade do coletivo AAA houve a conscientização dos alunos pelas questões ambientais e solturas de aves silvestres apreendidas no município.



Visita a APA- Área de Proteção Ambiental do Engenho Pequeno e Morro do Castro

Com esse intuito de vivenciar o território escolar, o coletivo AAA participou e organizou a II Feira de Diversidade que aconteceu no CIEP. Como culminância de uma série de debates organizados em sala de aula pela professora/supervisora Ana Luiza, a Feira reuniu a apresentação de trabalhos de todas as turmas do 2º segmento do Ensino Fundamental do CIEP.

Nesta Feira da Diversidade, foi possível trazer problemáticas e as desnaturalizações das opressões e normatizações, como machismo, homofobia, racismo, especismo, intolerância religiosa, preconceito pela aparência, estilo, comportamento e idade. Nesta atividade o coletivo AAA participou com a apresentação da Banda com maracatú, cirandas e outros ritmos e as oficinas de danças ensaiadas pelas bolsistas e por alunos do 2º segmento do ensino fundamental.



Como é possível mostrar por meio da ideia de Souza (2014) produzida nos contextos dos grupos de estudos do PIBID, a escola apresenta inúmeros movimentos, todos os dias acontecem transformações, pois a escola, os alunos e os funcionários não são os mesmos e a bolsista escreve belamente sobre esse território de transformações, dizendo que a escola pulsa. Uma fala que ganha à forma de verbete e é publicado. Luana Souza, força o nosso pensamento a pensar sobre qual escola queremos? O que estamos fazendo por essas escolas?

A escola pulsa

A escola pulsa quando o aluno responde exatamente o que lhe foi perguntado;

Pulsa ainda mais quando o aluno diz “não sei”.

A escola pulsa quando o bom professor exerce o seu domínio de turma;

Pulsa ainda mais quando o educador quase enlouquece com tanta agitação, conversa e falta de atenção a matéria, por parte dos alunos.

A escola pulsa quando o aluno diz que adora educação física ou artes;

Pulsa ainda mais quando esse diz que odeia matemática e português.

A escola pulsa quando é premiada por seu alto desempenho nas avaliações instituídas;

Pulsa ainda mais quando seu desempenho cai e, com ele, cai também o investimento que recebe.

A escola pulsa quando há um alto grau de aprovação;

Pulsa ainda mais quando possui um alto número de alunos que “não conseguiram atingir os objetivos”.

A escola pulsa quando o professor atravessa o portão na saída do dia letivo sentindo-se satisfeito, com a sensação de dever cumprido;

Pulsa ainda mais quando o professor chega com vontade de assinar o ponto e ir embora, sem nem mesmo entrar em sala de aula.

A escola pulsa quando recebo 20 alunos para participarem de uma oficina, uma atividade voluntária;

Pulsa ainda mais quando apenas três se fazem presentes neste espaço.

A escola pulsa quando o professor está em sala ministrando a sua aula para 20 alunos;

Pulsa no instante em que outros 20 habitam o pátio, “matando” essa mesma aula.

A escola pulsa quando o aluno participa de uma atividade de intervenção e diz: “Nossa! Foi muito legal essa brincadeira”;

Pulsa ainda mais quando ele volta na semana seguinte dizendo que conversou sobre essa mesma atividade com os pais e irmãos. E diz mais: que viu e ouviu coisas durante a semana que o fizeram pensar no que foi discutido no encontro.

A escola pulsa enquanto tudo acontece, enquanto tudo se movimenta;

A escola pulsa enquanto o “nada” acontece. (SOUSA, 2014, p.82- 83)

As experiências que tivemos tanto na escola básica quanto na universidade constituíram uma formação comprometida com o plano do sensível, educadoras mais atenciosas ao presente, mais abertas às afetações, que se dispõe a parar e olhar, parar e pensar. Afinal a proposta da formação de professores se coloca em condição de devir. E assim, vai propagar além da graduação, turbulências do território escolar, pensando em manter vivo e pulsante uma formação que agora tomará caráter de continuada, mas ainda assim inventiva e em busca de outras experiências.

Entre conceitos e experiências é possível dizer que a escola é uma instituição que não está fechada, é um ambiente em transformação, assim como diz Lourau (1993) é uma instituição em constante movimento na qual se “anseia” pelo interesse e pela ativa participação. Com este repertório conceitual, as oficinas têm a pretensão de continuar a integrar professores e alunos potencializando suas relações.

É importante dizer, para concluir este capítulo, que hoje, 2016, o AAA e o tal do agora continuam afirmando suas forças e seus modos de trabalhar no CIEP Municipalizado 411, em parceria com o Subprojeto de Pedagogia da FFP/PIBID/CAPES/UERJ, mantendo viva a chama de formar professores inventivamente.

CONCLUSÃO

A atualidade nos instiga a perscrutar um cadenciar entre mortificação e criação de outras possibilidades de vida, entre estar desapossado do mundo e suscitar acontecimentos, entre desacreditar de tudo e acreditar na invenção de possíveis, entre impotência e potência. (DOMINGUES, 2010, p. 19)

Com este trabalho, em processo, buscamos movimentar e expandir o território de pensamento dos alunos com nossas implicações, com a invenção, problematização e as experiências nos territórios escolares, criando contornos para pensar os movimentos escolares com outros olhares, fazendo uma análise dos efeitos do PIBID tanto no Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares quanto do CIEP 411 Dr. Armando Leão.

Buscamos com essas experiências, inventar outros possíveis de fazer, pensar, conhecer e existir nestes territórios, enriquecendo a formação docente. Essa pesquisa, que se faz *entre* universidade e escola básica, provoca afirmações de uma vida pensada pela arte, um modo *outro* de habitar a formação, estudar e se abrir a experiência. A monografia em questão se faz por uma licenciatura de pedagogia por atravessamentos e deslocamentos de uma formação inventiva de professores através de oficinas e vivências na escola básica.

Nosso intuito, com este trabalho foi o de mostrar possibilidades de se deslocar e tensionar processos formativos, acompanhando processos micropolíticos, que a todo instante se movimentam, assim como a instituição. Esta pesquisa monográfica provoca ecos de experiências vividas e práticas que revelam que a formação se dá, sobretudo, na escola básica. Permitiu-nos estranhar o lugar comum em que a escola se encontra, para pensá-la por deslocamentos e pela invenção.

Deste modo, com estas experiências que foram sendo tocadas, sendo transformadas e afetadas, foi possível dar a ver alguns sentidos produzidos com a experiência formativa junto ao PIBID/CAPES/UERJ, fazendo-me reverberar a ideia de produção de diferenças que a noção inventiva propõe, de se (re) inventar e sair da zona de conforto.

Se posicionar a favor de modos inventivos de formar professores nos faz encontrar e conversar com práticas, textos, modos de fazer e pensar o que temos feito de nós ao tensionar os modos usuais e iniciais de estar na universidade e na escola. O que aprendi com estes referenciais e práticas junto ao Subprojeto de Pedagogia da FFP/PIBID/CAPES/UERJ, levo e

levarei para a vida, como uma política e uma estética que, talvez, reverbere em outros territórios continuados de formação de professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Larissa Paz. Experiências e Atravessamentos na formação inventiva de professores: o PIBID/CAPES/UERJ como um disparador. Monografia (graduação em Pedagogia) – Faculdade de Formação de Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014.

AZEVEDO, L. P.; PAULO, N. D. de; MOLEDO, T. F. Crônicas na Escola: Um olhar inventivo no território das micropolíticas. In: V Seminário Vozes da Educação: Formação docente – experiências, políticas e memórias docentes. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2013. v.1. (Resumo e trabalho completo).

BARROS, L. P.; Kastrup, V. Cartografar é acompanhar processos. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 52-75. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.) Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

CARROLL, Lewis. Alice no país das maravilhas. Arara Azul, 2002.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças; NASCIMENTO, Maria Lívia. Implicar. In: FONSECA, T. M, NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. Pesquisar na diferença: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, p.131-133, 2012.

CORRÊA, R. S.; Aproximar. In: Dias, Rosimeri de Oliveira (org.) Entre analisar e intervir na formação de professores. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014, p.22-23.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: Deleuze, G. O mistério de Ariana. Lisboa: Veja, 1996b. p. 83-96.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. Kafka: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

DELEUZE, G.; PARNERT, C. Diálogos. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.

DIAS, Rosimeri. Formação Inventiva de Professores e Políticas de Cognição, Porto Alegre, INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO: teoria & prática, 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/9313/7259>>. Acesso em: 12/11/2015

_____. Deslocamento na formação de professores: Aprendizagem de adultos, experiência e políticas cognitivas. Rio de Janeiro, Lamparina, 2011a.

_____. Pesquisa-Intervenção, cartografia e estágio supervisionado na formação de professores. Fractal, Ver. Psicol., Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, Aug. 2011b. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v23n2/v23n2a04.pdf>. Acesso em 22/12/2015.

_____. (org.). Formação inventiva de professores. Rio de Janeiro, Lamparina, 2012

_____. (org.). Entre analisar e intervir na formação de professores. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

_____. Arte que nos move: oficinas de formação inventiva de professores. Disponível em <<http://www.anped.org.br/33encontro/internas/ver/trabalhos-gt24>>, Acesso em 22/12/2015

DIAS, R.; PELUSO, M.; BARBOSA, M. Conversas entre micropolítica e formação inventiva de professores. *Mnemosine*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2013, p. 224 a 237.

DOMINGUES, Leila. *À flor da pele: subjetividade, clínica e cinema no contemporânea* / Leila Domingues – Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2010

FONSECA, Tania. NASCIMENTO, Maria. MARASCHIN, Cleci. *Pesquisar na diferença: Um abecedário*. Porto Alegre, Sulina, 2012

FUGANTI, Luiz. *Devir*. In: FONSECA, T. M, NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, p.75-79, 2012.

KASTRUP, Virgínia. *Aprendizagem, arte e invenção*, Simpósio Nacional de Filosofia (2000:Fortaleza (CE)) *Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade* / coordenação de Daniel Lins – Rio de Janeiro: RelumeDumará: Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado. 2001

_____. *Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do DevirMestre*. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27279.pdf>>, acesso em: 10/11/2015.

_____. *Inventar*. In: FONSECA, T. M, NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, p.141-143, 2012.

KASTRUP, V. *Políticas cognitivas do professor e o problema do Devir-Mestre*. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, set./dez. 2005

KASTRUP, V.; TEDESCO, S. e PASSOS, E. Políticas da cognição. Porto Alegre: Edições Sulinas, 2008.

LARROSA, Jorge. Nota sobre experiência e o saber de Experiência. Meio Digital. Palestra proferida no 13º COLE- Congresso de Leitura do Brasil, realizado em UNICAMP/ SP, 17 a 20 de julho de 2001

_____. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. Dossiê Michel Foucault. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 27-43, 2004.

_____. Experiência e Alteridade em Educação. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011 2011. Tradução de Maria Carmem Silveira Barbosa e Susana Beatriz Fernandes. Disponível em <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/1898> >, acesso em 22/12/2015

_____. Palavras desde o limbo. Notas para outra pesquisa na Educação ou, talvez, para outra coisa que não a pesquisa na Educação. Revista Teias, v. 13, n. 27, p. 287-298, jan./abr. 2012.

LOURAU, René. Análise institucional e práticas de pesquisa, Rio de Janeiro: UERJ, 1993

MACHADO, A. M. Prefácio. In: DIAS, R. O. (org.). Formação inventiva de professores. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

MACHADO, Leila Domingues. "Subjetividades Contemporâneas", in: Maria Elizabeth Barros de Barros, Psicologia: questões contemporâneas, Vitória: EDUFES, 1999

MACHADO, Leila Domingues. O desafio ético da escrita. *Psicologia & Sociedade* [online]. 2004, vol.16, n.1, pp. 146-150. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n1/v16n1a12.pdf>>, acesso em 15/12/2015.

MORAES, Vinicius. *Jardim Noturno – Poemas Inéditos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

PAULON, S. M. A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, v. 17, n.3, p. 16-23, set./dez.2005.

PASSOS,E. KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. (org.) *Pistas do método da cartografia: pesquisaintervenção e produção de subjetividade*,Porto Alegre: Sulina, 2009

QUINTANA, Mario. *Caderno H*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

SCHEINVAR, Estela. Produzir In: FONSECA, T. M, NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, p.195-197, 2012.

SILVA, Rafaela Corrêa. *Experiências Formativas entre Universidade e Escola Básica: A biblioteca como potencia de produção de vida na escola*/Rafaela Corrêa Silva, 2015.

SOUSA, L. P. Pulsar. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014, p. 82-83. In: DIAS, R. O. (org.). *Entre analisar e intervir na formação de professores*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

SOUZA, Rosângela. Possibilidades de encontros entre escola básica e universidade: relato de uma experiência, in Ayres. Guimarães. Mendes. Dias, Articulando a universidade e a escola básica no leste fluminense, Rio de Janeiro, H. P. Comunicação, 2010

ZANELLA, Andrea Vieira. Olhar. In: FONSECA, T. M, NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. Pesquisar na diferença: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, p.171-173, 2012.